

## CHARLES NODIER, O "CONTADOR DE HISTÓRIAS"

Ana Luiza Silva CAMARANI\*

Nodier foi poeta, crítico, filólogo, teórico literário, romancista, contista; entretanto, mais do que por sua obra literária ficou conhecido, durante muito tempo, como o erudito dedicado a trabalhos lingüísticos e entomológicos e por sua participação no movimento romântico. Quando é eleito membro da Academia Francesa em 1833, não é propriamente "um romântico" que os Imortais convidam a ocupar o lugar vago: é um grande erudito, apreciado por escritores de horizontes bastante diversos, protetor dos talentos originais.

Outro dado relativo a Nodier que permanece no imaginário histórico, é a figura do bibliotecário do Arsenal, função que exerceu de 1824 a 1830. No domingo, em seu salão cujas janelas se abriam sobre o Sena, a ilha de Saint-Louis, a torre da Sainte-Chapelle, o encantador anfitrião recebia, com a ajuda de Mme Nodier e da filha Marie, uma juventude especial: Alphonse de Lamartine, Alfred de Vigny, Alfred de Musset, Saint-Beuve, Alexandre Dumas pai, Loève-Weimars (tradutor francês de Hoffmann), Honoré de Balzac, Théophile Gautier. Entre eles Victor Hugo, o futuro chefe da nova escola, que nunca cessaria de testemunhar a Nodier o mais respeitoso reconhecimento. Em 1827, Gérard de Nerval passa a freqüentar os serões do Arsenal; sua obra virá atestar a influência recebida do autor que o precederá no caminho do romantismo interior, empregando o sonho e a loucura como vias próprias para perceber o desconhecido e descrever o segredo do *eu* profundo.

Essa concentração de jovens talentos em torno de Nodier demonstra bem o papel importante que desempenhou no movimento romântico, não apenas como crítico capaz, dotado de erudição e sensibilidade, mas também

---

\* Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

no emprego que faz desses atributos, orientando e estimulando os jovens escritores. Há, entretanto, um outro aspecto de Nodier, difundido através de depoimentos dos freqüentadores das reuniões do Arsenal, que nos interessa sobremaneira, já que apresenta uma relação direta com sua criação literária. O salão do Arsenal, além de cenário do romantismo iniciante, era também o pano de fundo onde Nodier desempenhava o papel de que mais gostava: o de contador de histórias; desenvolvia, então, seu talento em tornar verossímil o inexistente. De acordo com o testemunho de Charles Weiss, conterrâneo e amigo de infância de Nodier, era impossível não sucumbir ao encanto das histórias contadas pelo anfitrião, à fascinação de seu entusiasmo inesgotável, de sua imaginação maravilhosa; Weiss sabia que Nodier alterava a verdade de seus relatos, que as histórias que narrava não se haviam passado como ele dizia; confessa, entretanto que ficava completamente seduzido e persuadido de que, se os acontecimentos narrados por Nodier não haviam ocorrido exatamente como seu anfitrião relatava, era daquela maneira que deveriam ter-se passado. Esse comentário relaciona-se a um jantar em que, após a refeição, Nodier passa a dominar a conversa, contando histórias curiosas e divertidas; Weiss afirma que os convidados permaneciam como crianças quando estão escutando contos que os interessam e dos quais não querem perder uma só palavra.

Outro episódio interessante que Weiss nos relata a respeito de Nodier, é que ele não gostava de ser contestado diante de seus hóspedes que escutavam, maravilhados, os fatos “verídicos” que o anfitrião lhes narrava, enfeitando-os, é claro, de acordo com sua imaginação; desse modo, por ter posto em dúvida uma dessas aventuras que ele se esmerava em relatar, Weiss recebe uma forte reprimenda: “*Si tu es venu ici pour me contrarier, tu peux retourner à Besançon*”, ter-lhe-ia dito Nodier, com rispidez (Apud Gazier, 1924, p. 426).

O fato é que Nodier incorpora os personagens de suas histórias e deixa fluir a imaginação; esse talento, entretanto, aparece sempre acompanhando sua cultura e erudição incontestáveis, seu interesse pelo pitoresco e pelas tradições populares. Assim é que, em uma outra ocasião, põe-se a conversar sobre contos de fadas e “*tour à tour avec son inépuisable mémoire, Nodier passa en revue tous les contes français, allemands, italiens, anglais, les appréciant avec un tact qui n'est qu'à lui et en citant des passages ou en donnant des analyses pleines d'intérêt*”, relata Weiss, datando o episódio de 1828 (Apud Gazier, 1924, p. 429).

Até por volta de 1830, os salões do Arsenal ainda brilham, com a presença de Marie Nodier (que se casará em 9 de fevereiro) e dos jovens

românticos. Entretanto, já no ano anterior, o Cénacle, que havia tido uma pequena duração, renasce: as reuniões passam a acontecer na casa de Victor Hugo; em fevereiro de 1830, os artistas que participaram da batalha de *Hernani*, determinando o triunfo do drama de Hugo em um reduto do classicismo, asseguram a este sua condição de chefe do movimento. Dificuldades financeiras vêm aumentar a amargura de Nodier: em janeiro, o ministério reduz pela metade sua pensão literária; em julho, é destituído de sua função de bibliotecário e perde a outra metade da pensão, embora continue a residir no Arsenal até sua morte, em 1844. Essa intrusão do mundo real em seu mundo encantado, criado pela imaginação e pela palavra, estimula nele a necessidade de evasão:

*Je ne veux composer, d'ici à ma mort, qui peut venir quand elle voudra, que des 'Contes de fées'. Seulement, par égard pour ce grand âge d'émancipation universelle, j'intitulerai mes contes: 'Nouvelles fantastiques' (Apud Juin, 1970, p. 99).*

Dedica-se, então, completamente, a seu papel de contador de histórias, com a diferença que não as relata mais a um grupo atento de ouvintes, mas a seus leitores do presente e do futuro, escrevendo-as, preservando-as no tempo:

*Les Nouvelles que je me raconte avant de les raconter aux autres ont d'ailleurs pour mon esprit un charme qui le console. Elles détournent ma pensée des faits réels pour l'exercer sur des chimères de mon choix; elles l'entretiennent d'idées rêveuses et solitaires qui m'attendrissent, ou de fantaisies riantes qui m'amuse; elles me font vivre d'une vie qui n'a rien de commun avec la vie positive des hommes, et qui me sépare d'elle un peu moins que je ne voudrais, mais autant qu'il est permis à l'imagination d'en allonger les lisières et d'en franchir la portée. C'est pour cela que j'ai fait des Contes. (Nodier, 1961, p. 719)*

Realmente, sua maior produção literária começa a aparecer a partir dessa data: ensaios como *Du fantastique en littérature* (1830) - onde expõe suas idéias teóricas sobre o fantástico -, e a maioria de suas narrativas fantásticas.

As reflexões de Nodier sobre o fantástico, além de aparecerem concentradas nesse ensaio de 1830, espalham-se nos prefácios e mesmo no

interior de alguns de seus contos. O segundo prefácio de *Smarra*, escrito em 1832, apresenta algumas considerações sobre o que Nodier denomina “fantástico sério”, baseado na observação psicológica.

No início de *Histoire d'Hélène Gillet*, publicado no mesmo ano que o segundo prefácio de *Smarra*, Nodier desenvolve um pouco mais sua teoria do fantástico, prevenindo que “*ce genre exige plus de bon sens et d'art qu'on ne l'imagine ordinairement*” (Nodier, 1961, p. 330). Passa, então, a discorrer sobre os tipos de fantástico, destacando o que chama de “história fantástica verdadeira”, que diz respeito à ocorrência de fenômenos estranhos, mas devidamente constatados; em *Hélène Gillet*, além de citar as fontes de onde tirou as informações sobre o caso, Nodier narra-os com detalhes completamente verossímeis: condenada à morte por um crime que não cometeu, Hélène salva-se por uma falha do carrasco. O que torna a narrativa fantástica, é o fato de que a salvação da jovem fora prevista por uma religiosa de mais de noventa e dois anos de idade, “*tombée, pour se servir des paroles du vulgaire, dans cet état de grâce et d'innocence qui ramène la vieillesse aux douces ignorances des enfants*” (Nodier, 1961, p. 336). Sem afirmá-lo, o narrador sugere a idéia de um dom visionário.

O dom da visão premonitória ou, nas palavras de Nodier “*les intuitions de la seconde vue*” (Nodier, 1961, p. 591), é discutido na narrativa intitulada *M. Cazotte*, onde o autor presta homenagem ao precursor francês da literatura fantástica, Jacques Cazotte, que teria conhecido na infância como um dos amigos de seu pai. Nesse texto, é Cazotte quem desempenha o papel de “contador de histórias” e narra a previsão de sua própria morte feita por uma senhora extremamente velha, Mme Lebrun, nascida Marion Delorme; Nodier assinala que a estranha longevidade dessa mulher teria sido, para ele, o elemento mais marcante da narrativa; segundo um dos personagens, essa idade avançada teria dado origem à lenda de sua vidência. No decorrer do relato, Cazotte mostra que ficou impressionado com a previsão e, refletindo sobre o assunto, sugere que Deus talvez prolongasse a vida de algumas de suas criaturas na terra para dotá-la de uma antecipação visionária sobre o futuro, em contraposição à degeneração progressiva de seu ser material. Essas considerações não causam surpresa pois Cazotte nos foi apresentado como freqüentador da casa de Saint-Martin, logo, iniciado nas doutrinas místicas, tão em voga na época. Nodier termina seu conto anunciando que, quatro meses depois “*le bon Cazotte avait porté sa tête sur l'échafaud de la terreur toute jeune encore. À peine sortie du berceau, elle dévorait des vieillards*” (Nodier, 1961, p. 618).

Em *Jean-François les Bas-Bleus*, o personagem título, introduzido como “um idiota, um monômano, um louco”, é o detentor do dom da visão premonitória: Jean-François costuma passar a maior parte do tempo com os olhos voltados para o céu com o qual parece manter uma comunicação oculta, perceptível apenas pelo movimento de seus lábios. Visionário, é ele quem anuncia, antecipadamente, a morte de Maria Antonieta, rainha da França.

Na busca da verossimilhança, elemento indispensável para a criação de um fantástico sério, Nodier emprega o sonho como elemento desencadeador de acontecimentos fantásticos, o que já assinalara no prefácio de *Smarra*. A utilização da loucura nessa mesma função é, entretanto, anterior: já em *Une Heure ou La Vision*, conto de 1806, deparamo-nos com o personagem que será o primeiro de uma longa série de “inocentes”. A eles será delegado um papel importantíssimo, o de veicular as verdades da imaginação, os fatos da realidade paralela: “*Pour faire illusion aux autres, il faut être capable de se faire illusion à soi-même, et c'est un privilège qui n'est donné qu'au fanatisme et au génie, aux fous et aux poètes*” (Nodier, 1961, p. 592) ; além disso, é verossimil que loucos nos relatam fatos estranhos e mesmo sobrenaturais.

E crer para se fazer acreditar seria também privilégio dos poetas. Com isso, retornamos ao nosso anfitrião do Arsenal, ao contador de histórias que não admite ser contestado: essa posição será defendida e mantida em seus textos. Nesse sentido, o conto *La Fée aux Miettes*, publicado em 1832, revela-se extremamente fecundo, pois contém as idéias fundamentais da obra literária de Nodier e de sua teoria sobre o fantástico.

Dirigindo-se diretamente ao leitor em seu prefácio, o autor assinala sua posição em relação à literatura e ao fantástico:

*J'ai dit souvent que je détestais le vrai dans les arts, et il m'est avis que j'aurais peine à changer d'avis; mais je n'ai jamais porté le même jugement du vraisemblable et du possible, qui me paraissent de première nécessité dans toutes les compositions de l'esprit.* (Nodier, 1961, p. 168)

Para melhor explicar seu pensamento, ilustra-o com uma recordação de sua juventude, quando, em uma cidadezinha do Jura, passava as noites junto à lareira, escutando as histórias de seu amigo nonagenário:

*Les veillées rustiques de l'excellent vieillard acquièrent de la célébrité à cent cinquante pas à la ronde. Elles*

*devinrent des soirées auxquelles les gens lettrés du hameau ne dédaignèrent pas de se faire présenter. [...] Bientôt on exploita le thème commun de nos historiettes à l'envi les uns des autres, et il ne se trouva personne, au bout de quelques semaines, qui n'eût à raconter quelque événement du monde merveilleux [...]; mais mon impression allait déjà en diminuant, ou plutôt elle avait changé de nature. A mesure que la foi s'affaiblissait dans l'historien, elle s'évanouissait dans l'auditoire, et je crois me rappeler qu' à la longue nous n'attachâmes guère plus d'importance aux légendes et aux traditions fantastiques, que je n'en aurais accordé pour ma part à quelque beau conte moral de M. de Marmontel. (Nodier, 1961, p.169-70)*

A figura do contador de histórias é, como vemos, imprescindível, pois o sucesso do relato fantástico junto aos ouvintes depende de sua postura em relação ao que está narrando: *“C'est que, pour intéresser dans le conte fantastique, il faut d'abord se faire croire, et qu' une condition indispensable pour se faire croire, c'est de croire”* (Nodier, 1961, p. 170) Ora, a exortação de Nodier junto aos leitores é, então, válida, sobretudo se considerarmos que *“un conte fantastique est [...] une proposition suivie d'une acceptation ou d'un refus”*, dependendo das tendências profundas do leitor, de sua adesão a um sistema de referências imposto desde a infância, de sua faculdade para se liberar desse sistema de referências e ainda das crenças que fazem parte do meio em que vive. (Finné, 1980, p. 49-50). Talvez considerando uma possível recusa do leitor em acreditar no que a narrativa está propondo, Nodier acaba por concluir, *“que la bonne et véritable histoire fantastique d'une époque sans croyances ne pouvait être placée convenablement que dans la bouche d'un fou”* (Nodier, 1961, p.170) e passa a delinear a figura desse narrador; seria, talvez, um desses *“fous ingénieux qui sont organisés pour tout ce qu'il y a de bien, mais préoccupés de quelque étrange roman dont les combinaisons ont absorbé toutes leurs facultés imaginatives et rationnelles”* (Nodier, 1961, p. 170): está introduzida a figura de Michel, o protagonista do conto *La Fée aux Miettes*. Entretanto, Michel não relata sua história diretamente ao leitor; já que terá

*pour intermédiaire avec le public un autre fou moins heureux, un homme sensible et triste qui n'est dénué ni d'esprit ni de génie, mais qu'une expérience amère des sottises vanités du monde a lentement dégouté de tout le*

*positif de la vie réelle, et qui se console volontiers de ses illusions perdues dans les illusions de la vie imaginaire; espèce équivoque entre le sage et l'insensé, supérieur au second par la raison, au premier par le sentiment; être inerte et inutile, mais poétique, puissant et passionné dans toutes les applications de sa pensée qui ne se rapportent plus au monde social; créature de rebut ou d'élection, comme vous ou comme moi, qui vit d'invention, de caprice, de fantasia et d'amour, dans les plus pures régions de l'intelligence, heureux de rapporter de ces champs inconnus quelques fleurs bizarres qui n'ont jamais parfumé la terre. (Nodier, 1961, p. 170)*

Podemos observar que o autor não apenas se identifica com esse segundo narrador atribuindo-lhe características que parecem se adequar às suas próprias particularidades, como também sugere as mesmas semelhanças em relação ao leitor; em outras palavras, espera que o leitor possua as qualidades necessárias para penetrar, com ele, nessa vida paralela. Como vimos, uma comunhão de crenças deve-se estabelecer entre o contador de histórias e seu público, para que o universo fantástico possa desabrochar.

Essa relação entre o narrador e o leitor é reiterada em algumas passagens da narrativa em que o contador de histórias se dirige diretamente ao público, chegando mesmo a oferecer-se como guia na viagem a ser empreendida pelo mundo de Michel:

*Je ne sais si vous êtes comme moi, mes amis, mais j'aurais volontiers cédé ma place à trois séances solennelles de l'Institut, pour suivre Michel dans le labyrinthe fantastique où ses demi-confidences m'avaient engagé...*

*Et si vous n'étiez pas comme moi, j'ai le bonheur de tenir le fil d'Ariane à votre disposition. (Nodier, 1961, p. 183-4)*

A presença do contador de histórias manifesta-se em outras passagens do conto demonstrando uma preocupação em relação ao interesse do leitor, convidando-o a participar das aventuras que está relatando. Vemos, então, que Nodier preserva em sua teoria do fantástico e em sua ficção escrita os elementos que já valorizava e empregava na narrativa oral.

É, pois, pela mão do narrador, *alter ego* do autor, que penetramos no mundo fantástico de suas narrativas, onde a fada é apenas um dos entes maravilhosos que povoam o universo de Nodier. Admirador de Perrault e, como ele, interessado no patrimônio folclórico francês, utiliza-o em seus contos; para ele, as fadas, as princesas, as feiticeiras, os gigantes, os duendes pertencem à velha Gália assim como seu céu, seus costumes e seus monumentos. Recuperando as lendas populares veiculadas pela tradição oral, cria uma “mitologia das superstições”, transpondo-a para a ficção escrita, mantendo sempre a figura, para ele imprescindível, do contador de histórias.

### Referências bibliográficas

- FINNÉ, J. *La littérature fantastique*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1980.
- GAZIER, G. Nodier à l’Arsenal. *Revue d’Histoire Littéraire de la France*, v. 31, p. 419-33, 1924.
- JUIN, H. *Charles Nodier*. Paris: Seghers, 1970.
- NODIER, Ch. *Contes*. Paris: Garnier, 1961.